

## AS INFLUÊNCIAS DAS LÍNGUAS BANTU NO PORTUGUES DO BRASIL: ORIGENS E TRAJETÓRIAS RUMO AO PRETUGUÊS

Makosa Tomás DAVID<sup>1</sup>  
Gabriel NASCIMENTO<sup>2</sup>

**Resumo:** Durante muito tempo a história do português brasileiro refletiu dilemas em torno de sua história europeia. Somente nas últimas décadas do Século XX (ou mais atualmente) as discussões sobre as contribuições afrikanas passaram a ser presentes nos estudos linguísticos. O presente trabalho tem como objetivo investigar a contribuição das línguas afrikanas no Português Brasileiro. Para isso, neste trabalho revisamos os conceitos em torno de influencia linguística das línguas Bantu através de aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos no Português brasileiro que, neste trabalho, trataremos como Pretuguês. Para a realização desse trabalho recolhemos duas poesias de Gregório de Matos e coletamos expressões de origem afrikana que desde muito tempo fazem parte do português brasileiro. As conclusões demonstram que palavras de línguas Bantu estão presentes no Português brasileiro desde sempre e, ao passo que os séculos passam, algumas delas têm entrado em desaparecimento.

**Palavras-chave:** História do Português; Contribuição afrikana; Pretuguês e afrikanização

**Abstract:** For a long time the history of Brazilian Portuguese reflected inquiries around its alleged European origins. Only in the last decades of twentieth-century, undertakings on African contributions have been taken into account in language studies. This paper explores the formations of Brazilian Portuguese based on the African aspects that highly influenced Brazilian Portuguese (BP). For this we will review the conceptualizations on the linguistic influences of Bantu languages that highlighted the phonetic/phonologic, morphosyntactic aspects in Brazilian Portuguese into what we term Pretuguês. As a methodology, we collected two poems by Gregório de Matos and also expressions of African roots that for so long are part of Brazilian Portuguese. Conclusions show that words from Bantu languages are present in Brazilian Portuguese since colonial times, although many of them have disappeared over time.

**Keywords:** Portuguese formations; Afrikan contributions; Pretoguese and African settings.

### Introdução

As influências afrikanas<sup>3</sup> para a formação do português brasileiro têm recebido contribuições de campos como a linguística histórica (PETTER, 2015; MATTOS e SILVA, 2004), em que podemos compreender desde o contato linguístico inicial até as condições de existência de transmissão ancestral das línguas Bantu entre os povos africanos e na sociedade brasileira em geral.

---

<sup>1</sup> Angolano e estudante do Curso de Licenciatura Interdisciplinar em Linguagens da Universidade Federal do Sul da Bahia e bolsista de Iniciação Científica. Gmail: [davidmakosa929@gmail.com](mailto:davidmakosa929@gmail.com)

<sup>2</sup> Gabriel Nascimento é doutor em Letras pela Universidade de São Paulo. É professor da Universidade Federal do Sul da Bahia. Líder do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Racismo, tendo sido *Visiting Scholar* na Universidade da Pensilvânia. Tem publicado em diversas revistas e é autor de “Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo”. Gmail: [Gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br](mailto:Gabriel.santos@csc.ufsb.edu.br)

<sup>3</sup> Pensamos em escrever a palavra África com “K e não com C”, porque queremos preservar a origem da palavra, olhando que a palavra foi aportuguesada para África, trouxemos a sua escrita originária.

A invasão colonial gerou um hiato de quase um século em que as políticas linguísticas coloniais<sup>4</sup> ainda não sofriam as mudanças advindas da Reforma Pombalina do Estado Português, mas quando já se usava a domesticação linguística como uma forma de transmissão dos saberes ocidentais.

Porém, como é sabido, é nesse contexto que se estabelecem línguas de transição, como as línguas gerais e os processos de contato pelos quais passamos a conhecer as mais diversas influências das línguas Bantu para o Português brasileiro rumo ao que queremos conceituar como Pretuguês.

Neste artigo analisaremos essas trajetórias históricas do português brasileiro visando estabelecer um nexu historiográfico para a visão de pretuguês sem que, com isso, tenhamos uma visão linear, isto é, de que o pretuguês é uma variante do português ou uma língua criouliada. Para escapar dessas dimensões, primeiramente vamos examinar a literatura sobre a formação do português brasileiro e, em seguida, examinaremos o contato do português brasileiro com as línguas afrikanas. Como corpus analisado, utilizamos os poemas do poeta baiano Gregório de Matos para identificar palavras que, ainda hoje, são reconhecidas em Angola. Utilizamos a memória de um dos autores, que é angolano de etnia Bakongo e chama-se Makosa Tomás David, para realizar tal identificação. Por fim, destacaremos quais traços dessa história permitem identificar os caminhos pelos quais o pretuguês percorreu até se estabelecer entre nós, além de propormos uma definição do conceito de pretuguês a partir das comunidades de fala negro-descendentes no Brasil.

Este estudo tem como objetivo investigar e identificar a presença e a contribuição das línguas afrikanas no PB que são registradas no léxico, gramática e semântica. Para se produzir esse estudo tivemos como apoio e base diversos autores, como Araújo (2021), Baxter, Lucchesi (1997, 2009), Fanon (2008), Azevedo (1987), González (1984), Houaiss (1992), Krauniski (2017), e outros que nas suas obras abordam sobre a questão dos afrikanos em Brasil. Podemos dizer que esse trabalho procura explorar e oferecer para aos leitores as perspectivas daquilo que é a contribuição das línguas afrikanas no Brasil, observando que, atualmente, essa mesma contribuição sofreu mudanças.

Este trabalho surgiu e se justifica pela interação dos pesquisadores a partir do Grupo de Pesquisa em Linguagem e Racismo da Universidade Federal do Sul da Bahia, e pela necessidade urgente de aproximação do Brasil com suas raízes angolanas, inclusive em seu viés linguístico.

Metodologicamente escolhemos trabalhar com contribuições artísticas brasileiras, como a obra do poeta Gregório de Matos para verificar de que forma essas contribuições permitem observar as várias performances do Pretuguês desde a época do poeta até os dias atuais. Para isso, recolhemos 2 poemas e discutiremos, a partir deles, as influências fonético-fonológicas e morfossintáticas das línguas Bantu para o Português Brasileiro.

Primeiramente, vamos discutir o português brasileiro a partir do monolingüismo do colonizador ao mostrar o porquê da utilização do instrumento de comunicação chamado nos estudos linguísticos por Língua Franca. Em seguida, abordaremos sobre o contato linguístico entre o PB e as línguas afrikanas, bem como vamos ver como esses povos chegaram ao Brasil, que línguas falavam e como foi o processo/impacto de contato entre essas línguas que foi se desenvolvendo ao longo da história brasileira. Ademais, vamos destacar algumas expressões vindas dessas línguas que agora fazem parte do cotidiano brasileiro. Além disso, analisaremos os aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos que aludem à influência afrikana para mostrarmos a semelhança da

<sup>4</sup> Estamos chamando de políticas linguísticas toda política, consciente ou não, direcionada enquanto tal para aspectos de linguagem ou que influenciem aspectos de linguagem porque não diferenciamos aspectos extralinguísticos e linguísticos a partir de uma visão de regularidade linguística.

estrutura silábica e da construção frásica que existe entre essas línguas. Por último, traremos os saberes de Lélia Gonzalez sobre o Pretuguês para abordarmos sobre como essas marcas de afrikanização estão presentes no PB.

### **Português brasileiro e o monolinguismo do colonizador**

No início do século XVI os primeiros invasores portugueses chegaram ao Brasil. Naquele mesmo tempo, existiam comunidades indígenas que habitavam a costa brasileira. Essas comunidades não falavam língua portuguesa, mas línguas que pertencem ao Tronco Tupi. Monolíngues, os portugueses não conseguiam entender aquelas línguas, o que os levou a utilizar um instrumento de comunicação chamado nos estudos linguísticos por Língua Franca, como definiremos neste trabalho.

Isso permitiu que eles pudessem explorar a força de trabalho indígena no Brasil para o cultivo da cana-de-açúcar, tabaco e algodão e, mais tarde, por meio do tráfico transatlântico em massa, o que gerou um horroroso sistema escravocrata de 388 anos, com quase 11 milhões de africanos trazidos para as Américas, eles expandiram o sistema colonial como nunca.

Como sabemos, para que os portugueses conseguissem o domínio das terras brasileiras, ou seja, para que eles dominassem os nativos, o primeiro ato ou o ponto principal foi eles aprenderem uma língua, que foi a língua geral, pois só assim eles conseguiram se comunicar e sobreviver, tal como observa Oliveira (2017).

Partimos do pressuposto de que línguas, enquanto construtos coloniais, são também invenções coloniais (MAKONI e PENNYCOOK, 2007; MAKONI e PENNYCOOK, 2012) dos próprios colonizadores. Durante a invasão e o horror que causaram durante séculos, as línguas serviram como forma de organizar, classificar e submeter povos ao seu domínio. Mais do que isso, o conceito de língua como invenção desnuda a ideia de que tanto as línguas nacionais/moderno-coloniais europeias quanto as línguas nomeadas pelos colonizadores e estudiosos eurocêntricos na África e nas Américas, por exemplo, são invenções (ver MAKONI e MASHIRI, 2007, para mais a respeito dessa discussão). As línguas gerais, enquanto apropriação do colonizador para se comunicar, e sendo esse colonizador monolíngue, são um exemplo complexo de como o colonizador não conseguiu desde o início impor o seu monolinguismo.

A respeito das línguas gerais, Oliveira (2017) discute que, naquele tempo, elas facilitavam o entendimento de tudo no Brasil. As línguas nativas da Costa pertenciam, em sua grande maioria, ao Tronco Tupi, de onde derivam as Línguas Gerais.

Como já mencionamos, seguindo as ideias de Oliveira (2017), os colonizadores, como eram monolíngues, e para conseguirem a efetiva dominação do território, tiveram que aprender as línguas indígenas. Ao contrário do monolinguismo do colonizador, diversos autores apontam para a formação histórica do português brasileiro como uma história de multilinguismo, como é o caso de Rodolfo Ilari e Renato Basso (OLIVEIRA, 2017). Isso porque o monolinguismo do colonizador foi uma vitória tardia do domínio português que, necessariamente, não logrou êxito em todo o território brasileiro. Segundo a autora, em referência aos estudiosos, a população nativa contava com mais de 6 milhões de pessoas que falavam cerca de 340 línguas. Essas ideias nos permitem dizer que o multilinguismo é anterior ao colonizador, sendo que, após a colonização, os indígenas foram se tornando uma população cada vez mais rural (como é no Brasil contemporâneo).

Araújo (2021), por outro lado, analisa que uma das línguas que influenciaram o Português Brasileiro (de agora em diante PB) vieram do tronco Tupi-Guarani, e eram faladas por indígenas que viviam especialmente no Litoral. Naquele período os padres

jesuítas, por meio da Companhia de Jesus<sup>5</sup>, foram enviados ao Brasil para catequizar aos indígenas e tiveram que estudar línguas indígenas, tendo contribuído para sua disseminação.

Algo que não podemos deixar de falar quando nos referimos ao PB, para além das línguas indígenas, são as chamadas línguas Bantu, de base afrikana. Nesse período, por meio do tráfico transatlântico, foram trazidos ao Brasil diversas línguas, como o Kikongo, Kimbundu e Umbundo. Essas línguas contribuíram para o enriquecimento da Língua Portuguesa no Brasil, pois, muitas palavras que o PB tem atualmente surgiram ou foram herdadas das línguas afrikanas.

Para Nascimento (2019) e Pessoa de Castro (2011), as línguas afrikanas foram um dos principais pontos na contribuição fundamental da história do PB até hoje. Trabalhando para a separação de afrikanos de mesma etnia e língua no território brasileiro, os colonizadores buscaram empreender a ideia de que essas línguas entrassem no processo de desaparecimento. Porém, como milhões de afrikanos passaram a ser obrigados ao trabalho escravo, e, ao não terem acesso a uma educação, o que seria a principal forma de domesticação linguística, passaram a desenvolver o contrário, um conjunto de influências no PB.

A escravidão negreira no país durou 388 anos e se baseou principalmente na monocultura de diversas lavouras, entre elas a cana-de-açúcar e o café. Diversos povos afrikanos chegaram no país desde o início, sendo os primeiros os provenientes de reinos como o Kongo e Ndongo, onde línguas Bantu eram faladas.

Ao tratar sobre as feridas coloniais deixadas no racismo e na forma como o racismo impele suas marcas no mundo moderno, Mbembe (2018) retoma a forma como o próprio poder moderno-colonial instaura a figura do biopoder, um poder disciplinar sobre vida, com vistas a entender corpos negros como descartáveis, indignos de luto. O sistema colonial de monoculturas fez com que os povos, restritos a zonas de horror e perversão, pudessem usar a dor para produzir formas de criatividade linguística e artística (NASCIMENTO, 2019; GATES JR., 1988), o que fez com várias dessas línguas não conseguissem ser erradicadas e, ao contrário, gerassem contribuições efetivas aos vernáculos brasileiros.

A ideia de descarte dos negros pela necropolítica, um estágio de morte que a modernidade cria e impõe a pessoas negras (MBEMBE, 2018) vem das inscrições coloniais que fazem do sujeito preto afrikano um ser tutelado, ou um não-ser (FANON, 2008).

Para Fanon (2008) o colonialismo criou marcas indeléveis nas pessoas negras, de modo que a própria língua criou aspectos de sujeição. No Francês, por exemplo, enquanto pessoas negras antilhanas jamais tivessem reconhecida a sua língua como legítima, nomes para essas línguas, como *petit-nègre*, dado pelo colonizador (FANON, 2008), provavam que o falar colonial mediava as pessoas negras como se elas fossem crianças (infantes).

Recentemente, num podcast que foi bastante divulgado no Brasil sobre o caso de uma mulher branca criminosa que, ao escravizar sua trabalhadora por vinte anos nos Estados Unidos, fugiu para o Brasil e se escondeu numa velha mansão em São Paulo, a própria entrevistada, uma escravizadora condenada, descreveu assim sua trabalhadora escravizada: “ela era uma amiga, não tínhamos ela como empregada, era uma criança, parecia uma criança grande”<sup>6</sup> No caso das Antilhas, bem parecido com esse, Fanon (2008)

<sup>5</sup> ARAÚJO, Ana Paula de. Companhia de Jesus. Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/companhia-de-jesus/>>. Acesso: 19-08-2022

<sup>6</sup> A Mulher da Casa Abandonada | Ep.1: A Mulher. Folha de S. Paula. Youtuber. 8 de jul. de 2022. Duraça: 40:41 Disponível: <[https://youtu.be/YsgkO39\\_MiY](https://youtu.be/YsgkO39_MiY)>. Acesso em: 18-08-2022

alega que o francês dos antilhanos era por vezes agredido com escárnios e chistes e que, aquele antilhano que viajasse para a metrópole, a França, era temido.

### **Português brasileiro: contato com as línguas afrikanas**

Como já dito neste trabalho, durante o séc. XVI até o séc. XIX chegaram ao Brasil quatro a cinco milhões de afrikanos que falavam línguas Bantu e que eram originários das regiões da África Subsaariana, como aborda Pessoa de Castro (2005).

Pessoa de Castro (2005) analisa que a região Bantu está constituída por um grupo que tem 300 ou mais línguas muito semelhantes que são faladas em 21 países, como: Camarões, Chade, República Centro-Africana, Guiné Equatorial, Gabão, Namíbia, República Popular do Congo (Congo-Brazzaville), República Democrática do Congo (RDC ou Congo-Kinshasa), Burundi, Ruanda, Uganda, Tanzânia, Quênia, Maláui, Zâmbia, Zimbábue, Botsuana, Lesoto, Moçambique, África do Sul e sem esquecer Angola, que foi o país onde saíram vários afrikanos que foram para o Brasil.

O maior número de falantes que foram ao Brasil falava Kikongo, Kimbundo e Umbundo. Por várias razões, o empreendimento colonial português se alargou ainda mais com a chegada dos afrikanos (LUCCHESI, 2009). Os escravos chegaram a desempenhar as funções de controle da produção, como capatazes ou mesmo de repressão. Isso tudo porque esses afrikanos começaram a receber ordens para caçarem os demais afrikanos que fugiam da colonização.

O contato entre essas línguas foi sendo desenvolvendo ao longo da história brasileira e atingiu vários níveis. Seguimos Pessoa de Castro (2005) na defesa de que, após mais de quatro séculos de contato de afrikanos e seus descendentes no Brasil, o português brasileiro é profundamente afrikanizado.

Durante esse todo processo de contato entre as línguas, os escravos, por causa da quantidade populacional, obtiveram uma grande presença territorial no Brasil colônia, levando, como já dissemos, o efeito contrário pretendido pelo colonizador e seu monolingüismo colonial.

Vários autores referendam a ideia de influências das línguas Bantu para o português brasileiro. Pessoa de Castro (2005) lembra que existem comunidades negras rurais que ainda falam dialetos de bases Bantu e elas são faladas como línguas especiais. Isso nos leva a crer que várias dessas comunidades, de maioria negra, são resultantes da expansão de quilombos pelo país (MOURA, 2014).

Durante o período escravocrata, várias eram as formas de organização dos povos. Moura (2014) destaca as revoltas pró-independência (quase todas com ampla participação negra), as guerrilhas e os quilombos. Entre as revoltas pró-independência do Brasil, destacamos algumas que tiveram ampla participação de escravos, como a Conjuração Baiana, a Conjuração Mineira, a Revolta dos Malês e a Revolução Farroupilha. Essas manifestações tiveram participação singular dos escravos que, estratégicos, fomentavam a existência de manifestos e sociedades secretas, como aquela erguida em 1798 na Bahia em árabe e português nas ruas para chamar a todos a se rebelar contra os colonizadores:



Fonte: <http://www.palmares.gov.br/?p=22276>

Isso indica que a língua foi um componente essencial para a organização anti-escrava no país. Além disso, destacamos as guerrilhas que, para Moura (2014), sacudiam as fazendas coloniais. A exemplo disso, a guerrilha que atuava perto do Quilombo do Urubu, em Salvador, causava enorme medo fazendo com que, segundo Azevedo (1987), aquela onda negra levasse ao medo branco que sepultou de vez a escravidão negreira no país.

Por último, tomando a forma de organização do autor, retornamos aos quilombos, aqueles que, para Nascimento (1980), figuraram como a principal organização política dos brasileiros por séculos. Os quilombos eram lugares para onde os pessoas fugiam após conseguir fugir do cativo. Mais do que isso, passaram a ser sociedades supra-afrikanas que se espalharam em milhares de comunidades no país inteiro.

Outras formas de organização de escravos se ergueram no período colonial, como as irmandades negras, as greves negras, o candomblé e a capoeira. O primeiro exemplo levou instituições de resistência histórica a se erguerem na própria igreja católica com solidariedade à vida de pessoas negras.

Na Bahia existe até hoje a Irmandade de Nossa Senhora da Boa Morte e em alguns estados chegou a existir a Irmandade do Rosário dos Homens Pretos, fazendo com que algumas igrejas atualmente continuem a ser chamadas de Igreja dos Homens Pretos ou Igreja do Rosário dos pretos. Várias greves negras sacudiram o país, como na Bahia e Rio de Janeiro. A mais antiga data de 1789 na cidade de Ilhéus, quando escravos sequestraram o antigo Engenho de Santana e escreveram eles mesmos, alfabetizados que eram, uma carta para a Coroa Portuguesa exigindo reformas e se lendo como seres humanos e não como escravos.

Os candomblés ainda figuram como uma das principais organizações políticas do povo negro no Brasil. Datados de 200 a 300 anos, esses espaços religiosos passaram a ser disseminados com o início do tráfico negreiro de escravos do oeste afrikano. Criados em torno da solidariedade afrikana, do acolhimento a sujeitos que mantinham relações de linhagem ego-política com seus ancestrais, esses cultos rememoram até hoje costumes sociais e linguísticos que passaram a se perder com a urbanização e modernização do imaginário brasileiro.

Alguns aspectos cruciais dos linguajares afrikanos, em especial Bantu e Yorubano, se mantiveram nesses espaços, como as saudações aos ancestrais, como *Agô*

para pedir licença aos ancestrais, além de saudações específicas, como *Atotô ò, Ora Ye ye, Kaô Kabeciliê, Epa Baba, Laroye, Okê Arô, Ogunhê Patakuri, Eparrey, Saluba, Odoyá*<sup>7</sup>, entre outros.

A capoeira, dança e luta angolana que chegou inicialmente com os povos de línguas Bantu, também disseminou com força as afrikanidades no país. A exemplo disso, as cantigas trazem até hoje elementos históricos e contam de diversas formas a história dos ancestrais afrikafranos que aqui estiveram.

Todos esses movimentos ajudaram a modificar a base do PB, mas, neste trabalho, vamos focar somente na influência Bantu no sentido de perceber como ela ajuda a influenciar o nosso português.

Alguns termos herdados desses povos foram muamba, mandinga (referentes ao culto); fubá, quitute (da culinária); e outros como cachimbo, marimondo, cafundó, quitanda, quilombo, senzala e moleque (SPINA, 2008 Apud LIMA E SALOMÃO, 2013).

Como o objetivo é de mostrar essas influências Linguísticas no Português brasileiro (PB) atual, vamos terminar esta seção com a organização por Krauniski (2017) de uma lista de palavras de origem afrikana que fazem parte do dia a dia brasileiro:

TERMO	DEFINIÇÃO
Dengo	A palavra significa “lamentação infantil”, “manha”, “meiguice”. Contudo, a palavra de origem Bantu (atualmente Kongo, Angola e Moçambique), na língua Kikongo tem um sentido mais profundo e ancestral: dengo é um pedido de aconchego no outro em meio ao duro cotidiano.
Cafuné	No Kimbundo também existe a palavra kafuné, que significa acariciar/coçar a cabeça de alguém.
Caçula	Do Kimbundo kazuli, que significa o último da família ou o mais novo.
Moleque	Do kimbundo mu’leke, que significa “filho pequeno” ou “garoto”, era um modo de se chamar os seus filhos de mu’lekes.
Quitanda	Do termo Kimbundo kitanda, trata-se de um pequeno estabelecimento onde se vende produtos frescos, como frutas, verduras, legumes, ovos, etc.
Fubá	Fuba, da língua Kimbundo, é uma farinha feita com milho. Feijão e angu – creme feito apenas com fuba e água – eram a base da alimentação dos afrikanos e afro-brasileiros.
Dendê	Do Kimbundo ndende, o dendê, ou óleo de palma, é popular nas culinárias afrikana. Ele é produzido a partir do fruto do dendezeiro – um tipo de palmeira originária do oeste da África. Indispensável na cozinha afro-brasileira, o dendê é utilizado em pratos como o vatapá e o acarajé.
Cachaça	Essa aguardente de cana-de-açúcar é usada no preparo do coquetel brasileiro. A palavra tem origem na língua kikongo.
Axé	O termo geralmente é usado como o “assim seja”, da liturgia cristã, e também “boa-sorte”. Contudo, segundo as religiões afro-brasileiras,

<sup>7</sup> A escrita dessas saudações traz um risco de normatizações. Como se trata de saudações orais, fica evidente que a escrita pode correr o risco de traduzir a saudação em sua versão fonocêntrica.

	axé (do iorubá ase) é bem mais do que isso: é a energia vital encontrada em todos os seres vivos e que impulsiona o universo.
Candomblé	Esta é a religião de matriz afrikana mais praticada no Brasil. Candomblé é a união do termo kimbundo candombe, que significa “dança com atabaques”, com o termo iorubáilê ou ilê (casa): “casa de dança com atabaques”.
Cachimbo	Outra palavra de origem afrikana que define um instrumento utilizado para fumar, geralmente, tabaco. A palavra deriva do termo kixima de uma das línguas bantas mais faladas em Angola: o Kimbundo <sup>8</sup> .

Quadro 1 – Termos e Expressões de origem afrikana. Retirado e adaptado de Krauniski (2017)

### Aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos advindos da influência afrikana

Hoje já sabemos que os falantes de línguas Bantu foram bem numerosos. Mussa (Apud Mattos e Silva, 2004, p. 18) lembra em seu trabalho que o número de falantes de línguas Bantu sempre foi superior no território brasileiro. Isso tudo nos faz entender de forma muito a importância de nativização e existência de um PB que só poderia existir enquanto tal por causa dessas influências. Mussa lembra ainda que estudiosos abordam 16 aspectos fonético-fonológicos do PB com forte relação com as línguas afrikanas. Essa análise nos leva à conclusão de que os falantes do PB, influenciados por essas línguas, escolhem a forma menos marcada linguisticamente, ou seja, estruturalmente mais simples e socialmente menos estigmatizada.

Mattos e Silva afirma que durante muito tempo (ao longo do Brasil colonial), existiu um multi/bilinguismo generalizado, principalmente na população afrikana e afro-descendente. Esse multi/bilinguismo, durante o séc. XIX, torna-se mais localizado e visível a partir das línguas da família Kwá, como o Iorubá (apud Pessoa de Castro, 2001, p.38)

Pessoa de Castro (2001) analisa as línguas Bantu são compostas por cinco ou sete vogais /i e a o u/ ou /i e ε a o ɔ u/, que são dois tons, altos e baixos, sem o uso de vogais nasais, enquanto as línguas Kwá, como o Ewe-fon e o Iorubá, são constituídas por sete vogais /i e ε a o ɔ u/, sendo orais e nasais, bem como o Iorubá uma língua tritonal (Apud Oliveira, 2017).

Sem esquecer das estruturas silábicas, Pessoa de Castro (2005, p. 8) analisa que:

entre essas semelhanças, o sistema de sete vogais orais (a, e, ê, i, o ê, u) e a estrutura silábica ideal (CV.CV) (consoante vogal. consoante vogal), onde se observa a conservação do centro vocálico de cada sílaba, mesmo átona. Esse tipo de aproximação casual, mas notável, provavelmente possibilitou a continuidade do tipo prosódico de base vocálica do português antigo na modalidade brasileira, afastando-a,

<sup>8</sup>Aqui estão alguns termos das línguas afrikana, especificamente angolanas, que estão presente no PB. Essas palavras sofreram muitas transformações por causa da língua portuguesa, pois o português desconhecia elas, e com o passar do tempo elas passaram no processo do aportuguesamento, atualmente, algumas pessoas escrevem da maneira como está na lista e outras escrevem de acordo a sua origem, isso tudo porque no alfabeto das línguas Bantus não existe a consoante “C”. A palavra makumba atualmente significa feitiço em Angola. Atualmente em Angola, a palavra cachimbo já não tem mais o mesmo significado que antes, agora cachimbo é uma estação de tempo. Atualmente a língua Kimbundo não é mais umas das línguas mais faladas em Angola, agora a línguas nacionais mais faladas são: Umbundo, Kikongo e outras.

portanto, do português de Portugal, de pronúncia muito consonantal. (cf. a pronúncia brasileira \*pi.neu, \*a.di.vo.ga.do, \*ri.ti.mo em lugar de pneu, ad.vo.ga.do, rít.mo).

Para Houaiss Os crioulos, especialmente os de base afrikana, durante muito tempo, eliminavam as chamadas redundâncias do sistema linguageiro de origem, por exemplo:

os meninos precisam ter dois pães” e chegasse à seguinte conclusão: “os meninos” é redundante, basta “os menino” (pois o plural continua aí marcado mais economicamente); “os meninos precisam ter” é sistematicamente redundante ainda, basta “os menino precisa tê” (pois o R final do infinitivo é excrescente, já que sintagmaticamente tê é inequívoco, ademais de ser mais econômico) (1992, p. 10).

Houaiss (1992 Apud OLIVEIRA, 2017) explora outras situações linguageiras no Brasil que têm caráter e de um pan-crioulo, e que utilizamos para encerrar esta seção, como:

1- O desaparecimento do R final
2- O desaparecimento do s final (salvo um, irredundante, no sintagma, para notar o plural)
3- A instabilização do L final
4- A redução do ditongo ou a o
5- A redução do ditongo ei átono a e
6- A regularização irredundante da conjugação
7- A flexão nominal (substantivo e adjetivo) eliminada em número, reduzindo a um morfema s final único num sintagma
8- A instabilização de certos fonemas do padrão, como lh, rr, nh
9- A instabilização das vogais finais que no padrão são grafadas –o e –em etc.

Quadro 2 – Aspectos que apontam características de Pan-crioulo ao PB. (OLIVEIRA, 2017, p. 38)

Quanto ao nível morfossintático, podemos também constatar:

No nível morfossintático	
1- Uso reduzido do artigo:	a) “eu sô fia de lugá”, ‘eu sou filha do (deste) lugar’.
2- Variação na concordância de gênero no SN:	a) “o meu sobrinha” b) “umas duas arquerim de terra...”.
3- Uso da diátese lexical, ao invés de estruturas passivas:	a) “e bicho encontrava lá”, ‘e bicho era encontrado lá’.
4- Regência verbal:	a) “Perguntei a Pedro, ele disse...”, d) “Eu não queira ficá o jeito que ela queria” ‘Eu não queria ficar do jeito que ela queria que eu ficasse’
5- Supressão da preposição:	a) “folha mandioca”, ‘folha de mandioca’: b) “Eu tenho direito distraí um pouco”,

	‘Eu tenho direito de me distrair um pouco’;
6- Ausência do verbo copulativo:	a) “Esse aí neto de Casimiro”, ‘Esse aí é neto de Casimiro’;
7- Ausência de concordância de gênero entre o sujeito e o predicativo:	a) “e inté hoje taistragado minha vista”. b) “A festa aí é bunito”. c) “ela fico bom”. d) “A minina tá meiduentado.”;
8-Orações encaixadas sem complementizador:	a) “eu teve cunvessano... foi com quem? Acho que foi cum Pedro mehmo, ele disse a Irma dele veio do Rio.”, ‘eu estive conversando... foi com quem? Acho que foi com o Pedro mesmo, ele me disse que a Irma dele veio do Rio. (...)
9- Dupla negação marcada no sujeito:	a) “Ninhum discarado num tá trabaiano não”. c) “Esse tempo lá, ninguém num tava ligano de negóci de falá em fazê procuração”.

Quadro 3 – Aspectos morfossintáticos. (BAXTER e LUCCHESI, 1997 *apud* OLIVEIRA, 2017, p.38)<sup>9</sup>

### Lélia Gonzalez e o Pretuguês

O termo Pretuguês parece ser novo, mas ele tem relação direta com toda a nossa discussão até aqui. A primeira grande voz brasileira a dar nome a esse conjunto de práticas foi a antropóloga negra brasileira Lélia González durante alguns de seus textos. Para ela:

[...] aquilo que chamo de ‘pretuguês’ e que nada mais é do que marca de africanização no português falado no Brasil (...). O caráter tonal e rítmico das línguas africanas trazidas para o Novo Mundo, além da ausência de certas consoantes, como o L ou o R, por exemplo, apontam para um aspecto pouco explorado da influência negra na formação histórico cultural do continente como um todo (GONZALEZ, 1988 *Apud* TOLENTINO, 2018, p. 117)

González (1984) faz uso de diversos aspectos para analisar a preponderância afrikana na fala brasileira. Por exemplo, a troca do som L por R, algo que um dos autores deste trabalho, de origem angolana, afirma que existe também na sociedade angolana até os dias de hoje. (GONZALEZ, 1988, p. 71 *Apud* TOLENTINO, 2018, p. 118)

Assim, baseados em González (1984) e Nascimento (2019), definimos pretuguês como um conjunto de práticas que os brasileiros, especialmente os de origem afrikanas, passam a utilizar, selecionando repertórios e usos distintos, para falar o português brasileiro.

### Metodologia

Neste trabalho, buscando trazer aspectos de uma duoetnografia, em que descrevemos uma parte da pesquisa de ambos os autores, de origem similar do ponto de

<sup>7</sup> Sendo angolano reconheço que tudo aquilo que Houaiss e Lucchesis analisaram também estão presentes na população angolana.

vista da autodeclaração enquanto homens negros no Brasil. Um de nós é brasileiro pardo, de origem afrobrasileira, baiana que guarda histórias de África na família. O outro é preto, afrikano e angolano da etnia Bakongo, localizada ao Sul de Angola.

Como parte da nossa interação na pesquisa, no desenho duetnográfico neste trabalho buscamos observar, com base no conhecimento de brasileiro de origem afrikana e angolano, termos e expressões que constam na poesia do também baiano Gregório de Mattos. Buscando consolidar a discussão realizada até aqui, o corpus vai permitir solidificar a ideia de que, embora afrikanizado, o português brasileiro já tenha sido mais afrikano.

Assim, selecionamos como corpus dois poemas de Gregório de Matos para observar quais termos e expressões de origem afrikana constam em sua composição. Através de um cruzamento duoetnográfico (FORTES e FERRARI, 2021), analisamos quais os conhecimentos que ambos, um brasileiro e um angolano, temos a respeito dos termos e expressões que cercam nossa ancestralidade.

Esse cruzamento duoetnográfico, que compõe nossa pesquisa, servirá neste trabalho tão somente para auxiliar na análise de dados a partir de termos utilizados no Português do Brasil desde Gregório de Matos.

Temos como base em Chizzotti (2006) a ideia de que as pesquisas em ciências humanas e sociais podem mesclar instrumentos de procedimentos metodológicos distintos. Por isso que, em que pese o caráter documental desta pesquisa, nos expomos enquanto pesquisadores a partir dos nossos conhecimentos e de nossa autoetnografia (ANDERSON, L e GLASS-COFFIN, 2013). Neste trabalho preferimos o cruzamento de nossas narrativas duoetnográficas (FORTES e FERRARI, 2021) por entendermos que o caráter do trabalho exploratório se dá no nível documental.

## Discussão e conclusões

Olhando essa questão de contatos para a formação do português de Brasil, nos debruçamos a partir de agora na influência das línguas Bantu na poesia do baiano Gregório De Matos, considerado um dos maiores poetas brasileiros do período do Barroco. Importante ressaltar que, naquela época, o kimbundu era uma das línguas mais faladas no estado da Bahia e chegou a ser publicada em forma de gramática, como é o caso de *A Arte da Língua de Angola* de 1697, de autoria do padre jesuíta Manuel Álvares.

Gregório de Matos nasceu em Salvador em 1636 e acabou se tornando uma das vozes mais ácidas da poesia durante o Brasil Colônia. Embora branco, Gregório é reconhecido justamente pelas influências populares em sua escrita. Essas informações justificaram nossa escolha por esse poeta.

Após escolher o poeta, usamos a consciência linguística de um dos autores, que é angolano, Makosa Tomás David, para fazer uso e reconhecimento de termos utilizados pelo poeta e ainda não explorados. Um deles é bonzo, como transcrevemos a seguir:

Um paiá de Monai, bonzo bramá  
Primaz da cafraria do Pegu,  
Quem sem ser do Pequim, por ser do Acu,  
Quer ser filho do sol, nascendo cá.

Tenha embora um avô nascido lá,  
Cá tem tres pela costa do Cairu,  
E o principal se diz Paraguaçu,

Descendente este tal de um Guinamá.  
Que é fidalgo nos ossos cremos nós,  
Pois nisso consistia o mor brasão  
Daqueles que comiam seus avós.

E como isto lhe vem por geração,  
Tem tomado por timbre em seus teirós  
Morder nos que provêm de outra nação.

(“Um paiá de Monai, bonzo bramá” -Gregório de Matos, disponível em <<http://nossacasa.net/blog/um-paia-de-monai-bonzo-brama/>>).

O poema citado, “Um paiá de Monai, bonzo bramá” utiliza a palavra bonzo, uma palavra de origem kimbundo que provém da palavra mbonzo que, ainda hoje em Angola, segundo o site Meu Dicionário (Disponível em <<https://www.meudicionario.org/bonzo>>) significa batata doce cozida com azeite, bananas e milhos vendidas nas portas das casas.

No trecho a seguir, que pertence ao poema que tem como título “Senhora Dona Bahia” podemos notar que há presença de palavra de origem Kimbundo. No Kimbundu atual em Angola falamos muzumbu, que quer dizer grosseiro, atrasado, bruto e iletrado:

Começam a olhar para ele  
os Pais, que já querem dar-lhe  
Filha, e dote, porque querem  
homem, que coma, e não gaste.

Que esse mal há nos mazombos,  
têm tão pouca habilidade,  
que o seu dinheiro despendem  
para haver de sustentar-se.

(“Senhora Dona Bahia” -Gregório de Matos, disponível em <<http://nossacasa.net/blog/senhora-dona-bahia/>>).

O desaparecimento dessas palavras no Português brasileiro acende a discussão sobre a incorporação das palavras de línguas Bantu ou seu desaparecimento no Português Brasileiro. Como se discute atualmente, o Português brasileiro teria descendido de um processo de crioulização do Português Europeu<sup>10</sup> (GUY, 1981; KATO e MARTINS, 2016; LUCCHESI, 2009; LUCCHESI, 2019).

É muito forte a presença das palavras de origem Kimbundo nos poemas do Gregório De Matos, como podemos perceber. Um fato fundamental é perceber que a influência em sua obra resulta do impacto que as comunidades de línguas Bantu tinham naquela época, inclusive sobre comunidades brancas. Segundo Pessoa de Castro (2011), a influência das línguas Bantu, ao contrário dos Estados Unidos, e do que normalmente se convencionou a respeito do African American Vernacular English (AAVE), não se dá apenas em comunidades fala negras no Brasil. Um exemplo é a dupla negação que, segundo a autora, também tem raiz entre escravos e que atualmente é pronunciada pela imensa maioria dos brasileiros e brasileiras.

<sup>10</sup> Mas está não é uma discussão unânime.

O fato de não estudarmos nas escolas brasileiras essas línguas aponta diretamente para o que Mignolo (2000) chama de racismo epistêmico. Ou seja, como no nosso país não disseminamos a importância das línguas afrikanas para o nosso português, não precisamos estudar essas línguas na escola, ainda que saibamos enquanto estudiosos da linguagem que elas tiveram importância crucial para a forma como falamos português no Brasil ou em Angola.

No terceiro e último trecho podemos ver mais uma palavra que tiramos do poema intitulado “Décimas”, que é *jimbo*, uma palavra de origem kimbundu e que se escreve *nzimbo* significando dinheiro em Angola.

[...] que foi comprada pelo *jimbo*, ou pelo abraço, responde o Juiz *madrão*, minha honra é minha Lei...

Como se pode perceber, essas palavras estão acopladas ao nosso português desde sempre e, ao passo que os séculos passam, algumas delas têm entrado em desaparecimento.

Portanto, o PB teve uma grande a partir das contribuições afrikanas e isso é perceptível a partir das discussões neste trabalho.

Como demonstrado, as línguas Bantu influenciaram o PB tanto na fala como em alguns contextos distintos, pois, além das palavras oriundas de África, há também aspectos fonético-fonológicos e morfossintáticos, muitas vezes respondendo à ideia de que a influência foi apenas lexicológica ou lexicográfica.

Como é sabido, atualmente o Português de Portugal está sofrendo uma grande influência das línguas afrikanas, principalmente de Angola, por causa da longa convivência que eles tiveram com o povo afrikano durante o processo da invasão. Há muitos termos utilizados em Portugal que são de origem angolana.

Olhando o Pretuguês, é possível concluir sua existência como uma forma de existir afrikano da língua. Como exemplo podemos destacar as formas que o pretuguês atua no repertório dos negros brasileiros, como a dança, a culinária, o comportamento, a forma de falar, a religião e muito mais.

Há muito rio para cair no mar, como diriam os nossos ancestrais, mas caminhamos passos largos na direção de redescobrir e reinventar nossas práticas linguísticas afrikanas no grande oceano negro que, lá atrás, gerou tantas dores aos nossos ancestrais.

## Referências

ANDERSON, L.; GLASS-COFFIN, B. I learn by going: Autoethnographic Modes of Inquiry. In: JONES, S. H.; ADAMS, T. E.; ELIS, A. C. **Handbook of Autoethnography**. Abington: Routledge, 2013.

ARAÚJO, Ana Paula de. Companhia de Jesus. Infoescola. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/educacao/companhia-de-jesus/>>. Acesso: 19-08-2022

ARAÚJO, Ana Paula de. HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA NO BRASIL.. Disponível em: <<https://www.infoescola.com/portugues/historia-da-lingua-portuguesa-no-brasil/>> 2021> Acesso: 2022

AZEVEDO, C. M. M. **Onda negra medo branco: o negro no imaginário das elites-século XIX**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.

CHIZZOTTI A. **Pesquisa qualitativa em ciências humanas e sociais**. Petrópolis: Vozes, 2006

FANON, F. *Pele Negra Mascaras Brancas*. Salvador: EdUFBA, 2008.

- FORTES, L.; FERRARI. Agency and Subjectivity in Pandemic (Neoliberal) Times: A Duoethnographic Study. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 21, n. Rev. bras. linguist. apl., 2021 21(2), p. 371–398, abr. 2021.
- GATES JR., H.L. **The Signifying Monkey: a Theory of African-American Literary Criticism**, Oxford University Press, 1988.
- GONZÁLEZ, L. Racismo e sexismo na cultura brasileira. **Revista Ciências Sociais Hoje**, Anpocs, p. 223-244, 1984.
- HOUAISS, A. **O português no Brasil**. Editora Revan, 1992.
- KRAUNISKI. Julie. 15 PALAVRAS DE ORIGEM AFRICANA QUE FAZEM PARTE DO DIA A DIA BRASILEIRO. REVISTA DA + BABEL. Disponível em: <<https://pt.babbel.com/pt/magazine/15-palavras-do-dia-a-dia-dos-brasileiros-que-sao-herancas-africanas> 2017> Acesso: 2022
- LIMA, A. L. A. ; SALOMÃO, J.M. . 'Do português europeu ao português brasileiro: origens e formação histórica da língua portuguesa'. **Revista Pandora** , v. 1, 2013.
- LUCHESE, A. (Org.) **O português afro-brasileiro**. Salvador-BA: EDUFBA, 2009
- MAKONI, S.; MASHIRI, P. 'Critical historiography: Does language planning in Africa need a construct of language as part of its theoretical apparatus?', in S. Makoni and A. Pennycook (Orgs.). **Disinventing and Reconstituting Languages, Clevedon: Multilingual Matters**, 2007.
- MAKONI. S.; PENNYCOOK, A. Disinventing and Reconstituting Languages. In Makoni. S.; Pennycook, A. (Orgs.) **Disinventing and Reconstituting Languages**. Clevedon, Multilingual matters, 2007.
- MAKONI. S.; PENNYCOOK, A. Disinventing multilingualism: From monological multilingualism to multilingua francas. In Martin-Jones, M., Blackledge, A., & Creese, A. **The Routledge handbook of multilingualism**. Routledge, 2012.
- MATTOS E SILVA, R. V. **Ensaio para uma sócio-história do português brasileiro**. São Paulo: Parábola Editorial, 2004.
- MBEMBE, A. **Necropolítica**. São Paulo: N-1 edições, 2018.
- MOURA, C. **Rebeliões na senzala: quilombos, insurreições, guerrilhas**. 5ed. São Paulo, Anita Garibaldi, 2014.
- NASCIMENTO, A. Quilombismo: An Afro-Brazilian Political Alternative. **Journal of Black Studies**, v. 11, n.2, pp. 141-178, 1980.
- NASCIMENTO, G. **Racismo linguístico: os subterrâneos da linguagem e do racismo**. Belo Horizonte: Letramento Editorial, 2019.
- OLIVEIRA, Roberta Pires de. Contribuições africanas na formação do português brasileiro: elementos linguísticos e culturais. 2017. [55] f., il. Trabalho de Conclusão de Curso (Licenciatura em Letras Portugêses). Universidade de Brasília, Brasília, 2017.
- PESSOA DE CASTRO, Y. Marcas de Africa no Português Brasileiro. **Africanias.com**, v. 01, 2011.
- PESSOA DE CASTRO, Yeda .A influência das línguas africanas no português brasileiro. In: Secretaria Municipal de Educação - Prefeitura da Cidade do Salv. (Org.). **Pasta de textos da professora e do professor**. Salvador: Secretaria Municipal de Educação, 2005.
- PETTER, M. **Introdução linguística africana**. São Paulo: Editora Contexto, 2015.
- TOLENTINO, J. Descolonização, filosofia e ensino: compartilhando vozes de filósofas latino-americanas. *Paraná-Brasil: v. 2 n. 1 (2018): Anais Eletrônicos do Congresso Epistemologias do Sul*, 2018.

*Submetido em 17 de setembro de 2022*

*Aceito em 09 de março de 2023*